

País muda perfil da dívida

Para isso, Governo pensa em criar títulos de longo prazo

Rio — O Governo poderá mesmo criar títulos de longo prazo com recursos não revertidos para o mercado imobiliário, que sirva para refrear o excesso de demanda na economia brasileira. Esse tipo de aplicação teria um prazo de carência de 1 a 2 anos, segundo afirmou ontem o ministro da Fazenda, Dilson Funaro, em entrevista coletiva à imprensa, após receber a Comenda de Honra ao Mérito do Rotary Club do Rio de Janeiro, no Clube Comercial.

— Dentro da reforma que estamos empreendendo, o nosso objetivo é encomprir o perfil da dívida, fazer com que mude o recente quadro em que 75 por cento da dívida interna é quase moeda — disse.

A canalização dos recursos obtidos com esses títulos ainda não está, porém, definida pelo governo. O ministro garantiu apenas

que eles terão um caráter bastante diverso, se comparados às cadernetas de poupança. Em relação a estas, o ministro se mantém despreocupado.

— Os dados demonstram que não há motivo para apreensão. Em 28 de fevereiro, o saldo da poupança da Caixa Econômica era de Cz\$ 124 bilhões. Hoje, ele está em torno de Cz\$ 122 bilhões. Os saques, de fato, não preocupam.

Dilson Funaro revelou-se ainda descrente em relação ao sucesso de um possível tabelamento de carros usados e explicou: "Temos que ser honestos e admitir que muito dificilmente ele pode ser mantido. A questão é saber se as pessoas não mesmo manter o tabelamento vendendo um automóvel na sua residência e tendo quem lhe ofereça um preço maior. Não há como controlar isso.

O assunto, no entanto, confirmou ele, continua sendo estudado pelos ministérios da Fazenda e do Planejamento, e pelo IBGE. De acordo com as declarações de Funaro, as fábricas no Brasil estão produzindo 80 mil automóveis mensalmente e resta à sociedade optar entre a compra com ou sem ágio.

O ministro afirmou ainda que a indústria automobilística brasileira está produzindo 50 por cento a mais do que ano passado e que a previsão para 1987 é de que haja um crescimento da ordem de 15 a 20 por cento sobre a produção deste ano. A exportação, revelou, tem se mantido em torno de 20 a 25 por cento da produção Nacional, mas o crescimento da demanda foi muito grande, não havendo por que atribuir a pressão inflacionária apenas às montadoras ou à indústria de autopeças nacional, completou Funaro.